



Proclamado nas ruas da milenária
VIMARANES pelo mais "copoeufónico"
aluno do **Liceu de Guimarães**

António Joaquim de Mesquita Pinto

no dia 5 de Dezembro de 1979, no
decurso da centenária FESTA NICOLINA
e pelo autor dedicado

"a quantos no Presente se orgulham do
Passado e buscam orgulhoso futuro du-
ma Pátria Viva".

A Meixes Graça/feit

DEZEMBRO | 79
GUIMARÃES

O perários e camponeses
Soldados e marinheiros
Proletários e burgueses
Lavradores e ferreiros
Joões, Maneis e Menezes
Senhores do tacho perdido
Senhores do tacho sonhado
Políticos de um partido
Quiçá o outro quebrado:
Parai de pronto o barulho!
Ouvi com muita atenção
Sob pena de estadulho
De Nicolau o Pregão!
Donas de casa, caixeiros
Senhores de ponto e do pré
Damas minhas, cavalheiros
Cessai de pronto o banzé!
Olhai que pouco vos fica
E vai espremido o bugalho
Da maldita "pulitika"
Palavreado e farfalho!
E vai cantiga estafada
De muito bons cantadores
Que na vida fazem nada
E até são... trabalhadores!



Calados, sus, por favor
E que ninguém abra o bico
Que analfabeto ou doutor
Vai de cabeça ao penico
Qualquer sagui palrador
Macaco, camelo ou mico
Que faça qualquer rumor
Enquanto falando fico!



Povo de Guimarães, Povo trabalhador
Que tanto apego tens à Festa da maralha
Aqui de novo o Bando em jeito gozador
As Leis de Nicolau ao mundo inteiro espalha:
Parai gentio incréu o bico palrador
Fechai a boca já, que aberta se paspalha
Ante a Festa que é de todas a maior
E sempre foi assim e sem a menor falha!

É Festa de cariz muito tradicional
Tal graça e alegria expõe em seus requintes
Festa que sendo nossa e só do maralhal
Vos pertence também que sois contribuintes...
A Festa Nicolina é hoje intemporal
E para vo-la dar já fomos nós pedintes :
Mandamos a piada e vós o vil metal
Pois nenhum caloteiro está entre os ouvintes...

Perdoa Nicolau que em voz destemperada
Exija em todo o urbe um silêncio letal
Proiba por decreto a torpe gargalhada
E faça eu sózinho um escarcéu brutal :
Eu sei que de Pregões a malta anda cansada
De tanto arengar que vai em Portugal !
Discursos mais de mil na prosa mais safada
Promessas por saldar e edecetra e tal...

Mal reunida no Céu esteja a tua Corte
Apita cá p'ra baixo e manda-me o sinal
Para eu lhes mostrar que a tua Lei é forte
Por toda popular, por toda natural :
Pensada há gerações colhidas pela morte
É Lei de respeitar sempre de forma tal
Que a Tradição perdure e nunca sofra corte
Na velha Guimarães, Berço de Portugal !

Por isso à Tradição autoridade tomo
Para fazer aqui a justa evocação
— Arroubo de Saudade em natural assomo —
Dos que antes de mim botaram o Pregão !
E doutros que na lança em bem cravado pomo
Deram à sua amada o sol duma paixão
Escrevendo todo oiro um alombado tomo
Que lemos com Saudade e muita devoção !

Porém numes queridos desta Festa amada
Que lá do Céu ouvis a minha humilde voz
Sabei que a evocações a Festa não é dada
E sendo nós também, alegres sereis vós :
Transmiti-me em segredo a força da piada
Que entre na cabeça destes bijagós
E que o riso lhe faça à calça desbotada
Arrebrantar num pronto o elegante cós...



Ó meu amado Povo, agora isto é diferente
É novo o teu destino e porque novo vário :
Para poderes falar no teu viver contente
Só tens de convocar um justo plenário !
E todos saberão enfim que tu és gente
Não és um Zé Ninguém e nem sequer otário
Pois topas do sabido o golpe num repente
Distingues muito bem camelo e dromedário !

Escolhes do futuro a tua própria via
E votas a granel em muitas eleições
Em moldes liberais que dantes não havia
Porque outros assumiam as tuas opções...
Que saibas tu viver esta democracia
Que saibas tu ditar tuas próprias moções
E combater em ti toda a demagogia
Que inferna por aí discursos e sermões !

Depois, há que rever a nossa posição
Topar o que hoje há e dantes não havia
Aqui na nossa terra — o Berço da Nação —
O progresso que existe e dantes nos fugia !
Os cavalos do Seis se lá por Braga estão
É porque Guimarães deles não carecia :
Nós temos construída a nossa Conceição
Que é obra de fazer melhor cavalaria...

Que isto de maldizer é um costume velho
Que só pela cultura e devagar se perde :
Já temos no toural semáforo vermelho
Que muda em amarelo e logo fica verde !

De "pousar" bem sabeis, verdade derradeira
O nosso povo adora, o nosso povo gosta :
Ainda nem abriu sequer a da Oliveira
E já outra Pousada erguemos lá na Costa !

Doente não será um povo que trabalha
E só por acidente vai ao Hospital :
O velho já não tem um santo que lhe valha
Mas o novo aí está num prédio bestial !

Importa já dizer e sem fazer rodeios
Que roubem à verdade o seu real sentido
Que o novo mamarracho — o prédio dos Correios
Lá para oitenta e tal teremos concluído !

Escolas ,isso sim, são como cogumelos
Construídas a esmo e bem localizadas
Pois só da segurança os aturados zelos
As fazem disfarçar, discretas, enterradas !

E por muito fazer sem avultados meios
Quem as constrói assim tem o saber profundo
De as deixar também sem muros nos recreios
Abertas par a Vida, abertas para o mundo !

No Liceu, vede vós, estudamos dia e noite
E a vida para nós não corre nada meiga :
Não temos por ali sala que nos acoite
E vamos a "enterrar" nas Cancelas da Veiga !

Professores tenho eu que moram no Algarve
E foram por aqui à força colocados
Mas falta conhecer os que virão mais tarde
Se conseguirem ser este ano nomeados...

Dos livros continua a eterna roubalheira
O roubo celerado ao bolso do meu pai:
No seu tempo um só livro era da turma inteira
Agora, só nos meus, seu ordenado vai...

Eu ando para aqui de livros carregado
Fazendo de despesa um grosso massaréu
Para vélinho ser, morrer desempregado
E conseguir decerto um "tacho" lá no céu...

O nosso ensino assim nunca tomará forma
Balão experimental e só cheio de fumo
Vazio na ciência, agrário na reforma
Incapaz de trazer à nossa vida um rumo!

E queira Deus que a malta, a malta nicolina
Cansada de esperar à porta do Futuro
Não tenha de exigir que muita gente fina
Deixe só de palrar e trabalhe no duro...

Que há tempo de dançar e de parar a dança
Há tempo de dizer e de fazer depois:
Não basta festejar o Ano da Criança
Importa que ela seja 'inda melhor que sois!

Importa aproveitar da juventude o fogo
Dando-lhe no Saber a chave do Futuro
Para que seja dela esse Portugal novo
Que só existe ainda em boca de maduro!

É tempo de lhe dar a própria Primavera
Que não pertence só à ave mais canora:
É tempo de acabar esta maldita espera!
É tempo de gritar: Agora! Agora! Agora!



Povo de Guimarães que amas a nossa Festa
Não esquece Nicolau aqui o teu concurso:
É para ti que vai o verbo que nos resta
No resto da prelenga em salutar discurso!

Afeito teu viver ao triste passado
De seres pelos teus e por ti enganado
Tu deves já sentir a bolsa por um flo
E teu poder de compra mais que abalado...

Do tanto prometido e tanto mais tirado
Vergonha seria falar o pregoeiro
Que anda como tu de guitas depenado
Muito embora "afogado" em montes de dinheiro!

Tens hoje de lutar é contra o desperdício:
Evita o teu almoço, evita o teu jantar
Evita a passeata em favor do comício
Apoia o candidato e ouve o seu cantar...

A Caixa 'inda te cura o bruto panarício:
A farmácia não vai remédios te negar...
Tu és o alvo mor de tanto benefício...
É tempo de deixares enfim de resmungar!

E sabes, cidadão, um corte de cabelo
Cigarros, um jornal, o almoço na tasca
O passe social, o telefone, um selo
Não custam coisa assim de te deixar à rasca!

Tu andas bem vestido, tu andas bem calçado
De férias repartidas, vivendo a teu gosto
E até desconfio que o teu ordenado
Bem pode suportar o rombo doutro imposto!

Se te sobem o gaz, sabão e gasolina
As taxas da Têvê, o macarrão, o óleo
O pneu do pópó e a prenda da menina
A culpa da subida é sempre... do petróleo!

Aguenta bem firme. mansinho como um boi
Na verborreia canga a que andas atrelado:
O passado passou. O futuro é que dói!
Não aceites derrota e vira-te ao arado...

Agora vais ficar alegre como um gaio
(Que vai sendo também um raro passarinho...)
Eu que em prometer mui raramente caio
Prometo-te que vou... fazer baixar o vinho!



A vós, senhoras minhas, nosso fim
Impõe que o discurso mude em metro:
De c'roas ando às rasca, mas enfim
E' vosso da Beleza o nosso ceptro...

A vós, rainhas tais, que direi eu
Capaz de demonstrar minha intenção?
Na alma nicolina não morreu
Nem morrerá a chama da paixão!

Aqui fica o convite para o baile
Na graça que lhe traz tua presença:
Casaco de vison ou simples xaile...
A roupa para nós não faz diferença!

Traz também o sorriso mais loução
Às maçãzinhas, tua Festa bela:
Ergueremos a lança cá do chão
Até ao peitoril dessa janela!

Que em tempos de feroz inflacção
Que a fogueira dos preços incendeia
Pode até ser que vez em duma maçã
A malta tenha de vos dar só meia...

E pode tudo dar até novela
E a transar ficarmos numa boa
Trocando da maçã a trincadela
Por um trincar directo da pessoa...

E em provas da nossa resistência
Nesta transa suprema dum amor
Atacamos aqui em penitência
As peles retesadas do tambor!

Pensando em vós iremos de partida
Na romagem que manda a tradição...
Bombos aí, essa baqueta erguida
De cada um a sua em sua mão!

Ó malta nicolina! A caixa a pino
Do toque ritual feroz castigo
No velho cumprimento dum destino:
A morte zabumbal do inimigo!

Zurzi o som antigo e sempre novo
Em toques magistrals e repetidos
Porque hoje a Festa aqui é só do Povo
Liberto da chatice dos partidos!

Que levante de susto a passarada
Desde o pardal à ave mais canora:
Do milho posto ao sol não resta nada
Já podem debandar... e ir embora!

Fazei xarivari tão infernal
Que assuste Lucifer lá no inferno
E que sem mais campanha eleitoral
São Nicolau aqui forme Governo...



O PREGÃO DE S. NICOLAU

Dedicado a quantos
no Presente se
orgulham do Passa-
do e buscam
orgulhoso Futuro
duma **Pátria** viva.

Foi pregoeiro ANTÓNIO JOAQUIM DE
MESQUITA PINTO aluno do Liceu
de Guimarães.



COOP. NOVO DIA - GUIMARÃES - 8000 Ex. - 12/79